

FORMAÇÃO CONTINUADA EM LÍNGUA PORTUGUESA
ROTEIRO DE ATIVIDADES

1ª SÉRIE

4º BIMESTRE

AUTORIA

SELMA DE SOUZA SANGLARD

Rio de Janeiro

2012

TEXTO GERADOR I

Fernanda Montenegro e Simone de Beauvoir



Revista BRAVO! | Maio/2009

“A vida é um Demorado Adeus”

Às vésperas de comemorar 80 anos, Fernanda Montenegro leva para os palcos o legado da escritora Simone de Beauvoir e reflete sobre a morte recente do marido, o ator Fernando Torres

Armando Antenore

Passava um pouco das 21 horas quando, naquele sábado de Aleluia, Fernanda Montenegro disse as últimas frases do monólogo Viver sem Tempos Mortos. Por 60 minutos, a atriz carioca interpretara Simone de Beauvoir (1908-1986) para as 350 pessoas que lotavam o teatro do Sesc em São João de Meriti, humilde e populoso município da Baixada Fluminense. Entre os que aplaudiam, destacava-se Wilson Ademar, negro de 93 anos, sapateiro aposentado, que nunca presenciara uma peça antes. Tão logo tomou conhecimento

do espectador inusitado, Fernanda se comoveu e indagou publicamente: “O que o senhor imaginava toda vez que pensava num palco?”. Wilson, tímido, respondeu: “Eu não imaginava”.

Pois é sobretudo com a imaginação da plateia que a atriz parece contar enquanto incorpora a filósofa e escritora parisiense, ícone do feminismo e parceira de outro célebre filósofo, o existencialista Jean-Paul Sartre. Na mais despojada produção que estrelou em seis décadas de carreira, Fernanda vira Simone sem lançar mão de elementos que remetam fisicamente à personagem. Não há sotaque, não há trejeitos característicos, não há nem mesmo um figurino afrancesado. Com uma camisa social branca e uma calça preta, a atriz senta-se numa cadeira igualmente preta, único objeto em cena, e permanece lá durante toda a montagem, sob um persistente foco de luz. Narra, então, os principais momentos da intensa trajetória de Simone. Fala sempre na primeira pessoa, usando depoimentos da própria romancista, extraídos de livros e cartas.

O monólogo dirigido por Felipe Hirsch, que já percorreu a Baixada e a região serrana do Rio de Janeiro, desembarca agora em São Paulo como parte de um evento maior, batizado de Caminhos da Liberdade. A iniciativa prevê que, antes do espetáculo, o público assista a Uma Mulher Atual, documentário de Dominique Gros sobre Simone, e, depois, participe de um debate conduzido pela socióloga Rosiska Darcy de Oliveira, especialista no legado da filósofa.

De início, Fernanda planejava tocar o projeto com o ator Sergio Britto, que assumiria o papel de Sartre. No entanto, o colega preferiu desistir da empreitada para se dedicar à peça A Última Gravação de Krapp e Ato sem Palavras I. A atriz, que completa 80 anos em outubro, acatou a decisão e prosseguiu sozinha. No percurso, perdeu o marido, o também ator Fernando Torres.

Quem vê Simone discorrer sobre Sartre ao longo do monólogo dificilmente deixa de cogitar que talvez exista um subtexto ali — que talvez Fernanda esteja refletindo sobre o próprio companheiro, um modo delicado de absorver e superar a morte dele. No domingo de Páscoa, a artista recebeu a equipe de BRAVO! para uma conversa de quatro horas.

BRAVO!: *Quando você entrou em contato com Simone de Beauvoir e os existencialistas?*

Fernanda Montenegro : Logo depois da Segunda Guerra, no fim dos anos 40 e início dos 50. Era um período em que Simone e Jean-Paul Sartre despontavam como celebridades, como popstars. Todo mundo do meio artístico e intelectual queria entender o que pensavam. Eu, à época, trabalhava para a Rádio Ministério da Educação, a lendária Rádio MEC, que já se localizava no centro do Rio de Janeiro. Ingressei ali em 1945, ainda adolescente, por causa de um projeto que recrutava novos locutores, redatores e atores. Fiz o teste, uma leitura de poema, sem botar fé que me chamariam. Mas me chamaram e acabei passando uma década na emissora. Jamais imaginei que encontraria por lá um universo tão rico culturalmente. Tínhamos aulas de português e de declamação, além de palestras sobre os assuntos que abordávamos no ar. Por longo tempo, desfrutei do privilégio de apresentar o programa dominical Douce France (Doce França). Em função disso, pude me aproximar ainda mais das teses de Sartre e Simone.

Qual o primeiro livro dela que você leu?

Foi O Segundo Sexo, que saiu em 1949 e se transformou num clássico da literatura feminista, sobretudo por apregoar que as mulheres não nascem mulheres, mas se tornam mulheres. Ou melhor: que as características associadas tradicionalmente à condição feminina derivam menos de imposições da natureza e mais de mitos disseminados pela cultura. O livro, portanto, colocava em xeque a maneira como os homens olhavam as mulheres e como as próprias mulheres se enxergavam. Tais ideias, avassaladoras, incendiaram os jovens de minha geração e nortearam as nossas discussões cotidianas. Falávamos daquilo em todo canto, nos identificávamos com aquelas análises. Simone, no fundo, organizou pensamentos e sensações que já circulavam entre nós. Contribuiu, assim, para mudar concretamente as nossas trajetórias.

De que modo alterou a sua?

Sou descendente de italianos e portugueses, um pessoal muito simples, muito batalhador, e me criei nos subúrbios cariocas. Desde cedo, conheci mulheres que trabalhavam. E reparei que, entre os operários, na briga pela sobrevivência, os melindres do feminino e as prepotências do masculino se diluíam. Era necessário tocar o barco, garantir o sustento da família sem dar bola para certos pudores burgueses. Nesse sentido, a pregação feminista de que as mulheres deviam ir à luta profissionalmente não me impressionou tanto. Um outro conceito me seduziu bem mais: o da liberdade. A noção de que tínhamos direito às nossas próprias vidas, de que poderíamos escolher o nosso rumo e de que a nossa sexualidade nos pertencia. Eis o ponto em que o livro de Simone me fisionou profundamente. O livro de Simone me trouxe os argumentos para levar a suspeita adiante.

Os existencialistas teorizaram bastante sobre a liberdade humana. Diziam que “o homem será antes de mais nada o que desejar ser”. Você concorda?

Concordo. Somos os senhores de nossos atos, de nossas opções. “Deus ajuda quem cedo madruga”, ensina o ditado popular. Se o homem não inventar o próprio destino, Deus não irá interferir.

Você crê em Deus? Simone não acreditava.

Ora acredito, ora desacredito. Ninguém me demonstrou a presença de Deus. Tampouco demonstrou o contrário. Eu talvez cultive uma fé imensa em meio à dúvida. Por outro lado, creio plenamente no acaso.

O homem nasce livre, mas o acaso tem a última palavra, dizia Simone.

Exato. O acaso se põe acima de qualquer teoria. É o grande mistério e a principal razão para a misericórdia. Os homens deveriam se irmanar justamente porque se sujeitam, todos, às leis insondáveis do acaso. O que me fez entrar na Rádio MEC com 15 anos? O que me fez superar a timidez juvenil e concorrer às vagas de locutora e atriz? Foi o acaso, em parte. Havia a minha vontade e havia o imponderável. Se tomasse outro rumo naquela ocasião, em quem iria me transformar? Não sei. Sei apenas que hoje me encontro onde sempre quis. Vivi sem tempos mortos.

Um slogan de maio de 1968: “Viver sem tempos mortos, gozar a vida sem entraves”.
Você pinçou um trecho dele para batizar sua peça, não?

É que realmente vivi sem tempos mortos, algo de que me orgulho. Mergulhei com avidez na existência que ganhei de Deus, da natureza ou do acaso. Realizei uma profissão que considero importantíssima — subir no palco para converter meu corpo em instrumento de discussões. Nunca roubei, nunca matei. Se impedi alguém de alcançar a felicidade, não me dei conta e peço desculpas. Peço perdão até. Não me julgo perfeita. Longe de mim! Carrego minhas zonas escuras, mas também umas zonas legais. Então... Elas por elas.

Que zonas escuras?

Sou rancorosa. Lógico que rejeito o sentimento e me polício: “Vamos largar de besteira!”. No entanto... Ressinto-me igualmente de não ter mais disponibilidade para os amigos e a família. Às vezes, exagero na reclusão. Distancio-me de meus afetos. Quando penso nos colegas que se foram e na atenção insuficiente que lhes dediquei... Flávio Rangel, Renato Consorte, Paulo Gracindo, Lélia Abramo, Zilka Salaberry, Gianfrancesco Guarnieri, Paulo Autran... Convivi tão pouco com o Autran... Sorte que, às vésperas de morrer, ele me mandou uma carta, comovido. Falava de coisas doces. Foi provavelmente a última carta que redigiu. A vida não passa disso, de um demorado adeus.

Fernando concordava com as ideias defendidas por Simone em O Segundo Sexo?

Sim, totalmente. Era um homem de tutano, de fibra, um homem libertário que recusava o machismo. Enfrentou meu sucesso e minha personalidade forte à maneira de um gigante. Em nenhum momento me castrou. Pelo contrário: me incentivou muito e, na função de produtor, buscou criar as melhores condições para meu progresso como atriz. Certas vezes, me vendo no palco, chorava de emoção. Se minhas conquistas o incomodavam, não deixou transparecer — atitude que considero de uma grandeza absoluta. Infelizmente, sofreu por 20 anos em razão de uma isquemia cerebral que, primeiro, lhe trouxe depressões violentíssimas e, depois, lhe prejudicou os movimentos. Um quadro tão terrível quanto inesperado. Uma armadilha do acaso. Meses antes de morrer, fez questão de me aguardar no

aeroporto quando retornei de uma viagem à Itália. Estava contente e me acenou da cadeira de rodas. Segurava um buquê de flores. Perguntei: “Por que as flores, Fernando?”. E ele: “Porque nosso terceiro neto acabou de chegar”. Recebi a notícia do nascimento de Antônio assim, com flores.

Simone e Sartre protagonizaram uma relação aberta e se cercaram de vários parceiros sexuais. Você e Fernando viveram um casamento semelhante?

Não. Firmamos um pacto de fidelidade, que deveria se manter até onde desse. E deu! No meu caso, deu. Todas as minhas fantasias extraconjugais resolvi em cena, sem amargar qualquer frustração. Se por ventura não deu para o Fernando, respeito. Fomos transgressores à nossa moda, percebe? Qual a maior subversão que um casal pode praticar nos dias de hoje? Permanecer junto! Nós permanecemos — com altos e baixos, mas permanecemos.

ATIVIDADE DE LEITURA

QUESTÃO 1

Observe como o jornalista vai direto ao ponto logo na primeira pergunta do texto escrito.

Quando você entrou em contato com Simone de Beauvoir e os existencialistas?

Explique por que essa pergunta foi escolhida para começar a entrevista?

Habilidade trabalhada

Reconhecer a natureza dialógica da linguagem e os recursos para marcar o locutor e o interlocutor.

Resposta comentada

É interessante que o estudante perceba que o entrevistador vai direto ao ponto e inicia a sua entrevista direto no assunto que será o fio condutor ou o tema de toda a entrevista: a

relação de Fernanda Montenegro com a vida e o pensamento de Simone de Beauvoir.

QUESTÃO 2

Leia uma pergunta presente no texto integral da entrevista publicada e, em seguida, um trecho transcrito do áudio disponível (8 minutos das 4 horas de entrevista) no site da revista.

Você crê em Deus? Simone não acreditava.

“Ora acredito, ora desacredito. Ninguém me demonstrou a presença de Deus. Tampouco demonstrou o contrário. Eu talvez cultive uma fé imensa em meio à dúvida. Por outro lado, creio plenamente no acaso(...)”

Transcrição do diálogo original:

*“ **Fernanda-** É o seguinte: se você não constrói o seu próprio destino, Deus não vai criar por você, se você acredita que Deus existe.*

***Bravo!-** Você acredita que Deus existe?*

***Fernanda-** Eu tenho grandes dúvidas, mas também eu tenho às vezes grandes certezas. Por que nunca ninguém me provou que não existe, como também nunca ninguém me provou que existe. Então na dúvida eu estou com Santo Agostinho, talvez até tenha uma fé imensa na dúvida.*

***Bravo!-** Certo, a sua fé ... n ... a sua fé não descarta a dúvida, é isso?*

***Fernanda-** Não descarta a dúvida. Aliás, ela só é fé porque ela tem dúvida.”*

O que mudou do texto original transcrito para o texto escrito publicado na revista?

Habilidade trabalhada

Diferenciar retextualização e transcrição.

Resposta comentada

De acordo com a percepção do estudante. É importante que ele perceba a liberdade com que o entrevistador recolheu as informações e as articulou em seu texto. Embora preserve o conteúdo, as alterações são grandes para que o texto fique conciso e unificado. No diálogo original as declarações foram sendo dadas aos poucos e em interação com o entrevistador.

QUESTÃO 3

O entrevistador utiliza características do pensamento da personagem interpretada por Fernanda Montenegro na peça para abordar temas relativos à experiência pessoal da atriz. Mostre por meios de exemplos como isso é feito.

Anote:

Muitas entrevistas nascem de um gancho, ou seja, algum fato ou pretexto que torna o depoimento do entrevistado relevante para o público que lê a entrevista ou a assiste. A abertura, que apresenta o entrevistado e a situação de produção da entrevista, costuma explicar o gancho que a originou.

Habilidade trabalhada

Reconhecer a natureza dialógica da linguagem e os recursos para marcar o locutor e o interlocutor.

Resposta comentada

A entrevista procura criar relações entre a vida pessoal da atriz Fernanda Montenegro e a vida e o pensamento de sua personagem, Simone de Beauvoir, estabelecendo até comparações entre o casamento de cada uma.

ATIVIDADE USO DA LÍNGUA

2º Momento: Leitura ampla das imagens e textos, para que os alunos desenvolvam a competência leitora e a capacidade de desvendar símbolos e observar manifestações culturais e estilos de vida, além de propiciar-lhes um leque de associações entre palavras e imagens;

QUESTÃO 4

Releia parte da resposta da atriz Fernanda Montenegro à segunda pergunta do texto:

Foi O segundo sexo, que saiu em 1949 e se transformou num clássico da literatura feminista, sobretudo por apregoar que as mulheres não nascem mulheres, mas se tornam mulheres. Ou melhor: que as características associadas tradicionalmente à condição feminina derivam menos de imposições da natureza e mais de mitos disseminados pela cultura.

Qual a função da linguagem que predomina nesse trecho?

Habilidade trabalhada

Reconhecer as funções referencial, metalinguística e fática da linguagem.

Resposta comentada

Para uma melhor compreensão sobre este assunto, é interessante fazer uma breve revisão sobre os elementos da comunicação,. Em cada ato de fala, dependendo de sua finalidade, destaca-se um dos elementos da comunicação, e, por conseguinte, uma das funções da linguagem.

Desse modo, destacar que a função da linguagem com ênfase na informação; é a função referencial que objetiva transmissão de informação. Sendo assim, a função da linguagem que predomina na passagem selecionada é a referencial, uma vez que o foco recai sobre transmissão de informação segundo o trecho citado, o livro de Simone de Beauvoir, o segundo sexo, associa a condição feminina à educação e imposição cultural. O trecho afirma que o livro tornou-se um clássico do feminismo, porque libertou a mulher dos estereótipos

ligados ao gênero. Na época final dos anos de 1940, a mulher era muito menos livre do que agora: muitas não trabalhavam fora de casa e sofriam intenso controle social de comportamento.

QUESTÃO 5

Vamos ler o seguinte trecho da entrevista:

Sou descendente de italianos e portugueses, um pessoal muito simples, muito batalhador, e me criei nos subúrbios cariocas. Desde cedo, conheci mulheres que trabalhavam. E reparei que, entre os operários, na briga pela sobrevivência, os melindres do feminino e as prepotências do masculino se diluíam. Era necessário tocar o barco, garantir o sustento da família sem dar bola para certos pudores burgueses. Nesse sentido, a pregação feminista de que as mulheres deviam ir à luta profissionalmente não me impressionou tanto.

Nesse trecho as falas são reproduzidas de maneira direta . Essas falas constituem um exemplo de qual tipo de discurso?

Habilidade trabalhada

Reconhecer as formas de reportar uma fala pelo uso dos discursos direto, indireto e indireto livre.

Resposta comentada

Nesse texto da entrevista escrito em primeira pessoa, dono da voz, são reproduzidas falas da entrevistada integral e literalmente, constituindo exemplo de discurso direto.